

## AGRICULTURA NORDESTINA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CENSOS AGROPECUÁRIOS DE 2006 E 2017

**César Nunes de Castro**

Especialista em políticas públicas e gestão governamental na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea. *E-mail*: <cesar.castro@ipea.gov.br>.

**Caroline Nascimento Pereira**

Pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Dirur/Ipea. *E-mail*: <caroline.pereira@ipea.gov.br>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2675>

A região Nordeste foi pioneira no cultivo de importantes produtos, como cana-de-açúcar, algodão, entre outros, porém foi superada sem muita demora pela região Centro-Sul do Brasil. A agricultura nordestina por um longo período ficou à margem de políticas públicas próprias, considerando as especificidades da região, como solo, escassez hídrica, histórico de ocupação, entre outras questões, que fizeram dela um espaço com maior vulnerabilidade em relação ao restante do Brasil.

Ao longo do século XX, precisamente após os anos 1950, investimentos pontuais foram realizados com o objetivo de desenvolvimento regional e ocupação do território. Perímetros irrigados e arranjos produtivos locais, além de outras ações focalizadas, foram implementados, produzindo um crescimento concentrado, como o polo de agricultura irrigada de Petrolina-Juazeiro, a área de expansão agrícola do Matopiba,<sup>1</sup> entre outros.

Este trabalho apresenta a evolução da agricultura nordestina sob a ótica da estrutura fundiária, da produção agrícola e do uso de alguns insumos tecnológicos – adubos, defensivos, irrigação, mecanização e orientação técnica – por meio dos dados dos Censos Agropecuários de 2006 e 2017. O trabalho partiu da premissa de que a região Nordeste possui, comparativamente ao restante do país, um histórico de baixa produtividade e pouco uso de inovações tecnológicas, em razão de décadas de ausência de políticas públicas que não favoreceram na mesma medida o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil.

Como resultado, observou-se que houve redução na participação nordestina em relação aos estabelecimentos

agropecuários. No levantamento de 2006, o Nordeste respondia por 47,4% do total de estabelecimentos brasileiros e 22,8% da área total. Em 2017, reduziu-se para 45,8% e 20%, respectivamente. Em relação aos grupos por área, identificou-se que houve pequeno aumento na participação em quantidade e área dos estabelecimentos até 50 ha, mas também houve aumento na área ocupada pelos estabelecimentos com mais de 1 mil hectares, que agora totalizam 33%, porém perfazem apenas 0,3% do total de estabelecimentos.

A região Nordeste também apresenta reduzida participação na produção agrícola brasileira. O Censo Agropecuário de 2017 mostra que as lavouras temporárias nordestinas correspondem a 7% da quantidade total produzida no Brasil. Em comparação com o Censo Agropecuário de 2006 houve redução na participação, que foi de 15,5% naquele ano.

Especificamente sobre o uso de insumos agrícolas, a avaliação dos dados revela elementos que corroboram a menor intensidade no Nordeste do processo de modernização tecnológica agrícola ocorrido no Brasil a partir da década de 1960. O Nordeste é uma das regiões com menor uso de adubação em suas lavouras, 30,3% dos estabelecimentos fazem uso de adubação nos cultivos, ante 42,3% para o conjunto do Brasil. Para os defensivos, a região também apresenta baixo uso (23,8%), porém com aumento em relação ao Censo de 2006, que foi de 18,7%.

A irrigação aparece em menor número – 10% dos estabelecimentos nordestinos dispõem de irrigação. Em termos de área, 1,8% da região conta com esse recurso em suas propriedades. Os tratores, importantes

1. Acrônimo formado com as iniciais dos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

# SUMEX

para o trabalho de preparação do solo, estão presentes em 2,3% dos estabelecimentos agropecuários, concentrados na região do Matopiba e no sul da Bahia.

Por fim, o recebimento de orientação técnica apresentou redução entre os censos. Em 2006, 8,4% dos estabelecimentos receberam algum tipo de orientação, enquanto em 2017 o percentual foi de 8,2%. O Nordeste fez maior uso da orientação proveniente de órgãos estaduais, como as Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), as quais vêm sofrendo desde os anos 1990 com a redução de recursos financeiros, o que tem diminuído sua atuação e até mesmo resultado no fechamento de algumas unidades pelos estados.

Desse modo, apesar do crescimento no uso de insumos, como adubos, defensivos, tratores e irrigação, este ocorreu de modo concentrado nos polos produtivos voltados ao mercado externo. Em que pese a grande massa de produtores rurais nordestinos, em sua imensa maioria agricultores familiares, eles estão à margem do processo de adoção de tecnologias, o que sistematicamente dificulta inseri-los em alguma dinâmica produtiva. Somados ao gargalo tecnológico, outros fatores se contrapõem ao desenvolvimento da agricultura nordestina, como crédito, acesso à terra, infraestrutura para escoamento e comercialização de produtos etc., os quais devem ser estimulados por formuladores de políticas públicas, considerando a situação de pobreza ou extrema pobreza de muitos produtores.